

# Senninhas e Garrinchas

por Spensy Pimentel

Maio, quase junho. Já vai longe o Oscar, passado no moedor trocentas vezes, até tirar todo o caldo, na edição passada. Mas do bagaço se faz ração, e além disso o gancho foi forte, rendeu dezenas de reportagens especiais nosso Senninha Waltinho lá concorrendo que nem gente grande. Como o Barrichello, devia estar com a bandeirinha do Brasil no bolso, para estender quando subisse ao pódio. A tempo: qualquer semelhança com a Bossa Nova no Carnegie Hall não é mera coincidência.

Para a Veja ressaca da semana seguinte, nosso filho dileto tem agora a chance de “trabalhar nos EUA, o único país do mundo com uma indústria cinematográfica respeitável”. Claro, a Índia não conta porque, afinal, o barato é afundar navios de 1 bilhão, criar dinossauros de 300 milhões e, como recentemente, com uma assessoria bem-feita, incluindo máscaras de Darth Vader para os jornalistas brincarem em casa, emplacar em países periféricos da América do Sul laudas e mais laudas (sem falar nas “capas especiais para colecionador” da Época) de expectativa em relação a... CPI? FMI? O filho maconheiro do FHC, válá? Não: o lançamento de *Guerra nas Estrelas*, dia tal lá nos cinemas do centro-USA, 40 dias depois aqui no bairro!! Puxa, acho que vou para NY, assistir no dia da estréia. E em março, uma efeméride das boas. Glauber teria feito 60 anos, vivo fosse - embora duvide que ele escapasse do suicídio nestes anos 90 em que os também Senninhas do Cebrap tomaram o poder, à frente o nosso

Mister M FHC, mais mascarado não há. Mano Rocha era bicho-do-mato, mais Garrincha que Pelé, mais Parker que Gillespie, uma alma canhota que não aceitaria a etiqueta de sorrir para a câmera exclusiva da Globo, os comentários eméticos do Rubens Edwald, enfim, a obrigação de mostrar a bundinha na Playboy e no Gugu para comprar a casa própria da mamãe.

## Vulcão de intuição?!

E, na Bravo! de março, como sempre, o crítico, não tendo o que dizer sobre o “dible” do estrela solitária Glauber, exceto que ele é magnífico, desconcertante etcétera (no caso, “vulcão de intuição”), discorre sobre as pernas tortas, a cachaça e por aí vai. Tudo bem, já que é uma revista, segundo um ensaísta nessa mesma edição, “para pessoas educadas”, ao contrário, claro, deste nosso periódico que coça o saco, cospe no chão, fura fila e ainda defende um cinema nacional, veja só que grosseria. Vem mais na seção “Ensaio”: discussão do cinema brazuca contemporâneo. No meio, o discurso nauseante de Sérgio de Andrade, insistindo na tese de que “o cinema brasileiro não existe”. O tipo de gente que, vivesse cem anos atrás, defenderia orgulhosamente as idéias deterministas e cientificistas, lendo as reportagens de Euclides da Cunha no Estadão. Pois o tipinho faz questão de renegar não só nosso cinema como também a literatura. Exalta os grandes nomes da ficção dos EUA, depois decreta que “crescemos à sombra de A Morgadinha dos Canaviais”.



A típica atitude da elite tupiniquim que recheia a biblioteca de porcaria de estrangeiras e sai arrotando arrogância pelo mundo afora. Lembra certo crítico da Veja, que mora em Veneza e, só porque sabe escrever (mal) em português, pensa que é autoridade para falar mal do Brasil. Ora, vá beber água nas bicas de mil anos da Oropa... E por falar em Veja, na de 21/4, um sujeito (cujo nome eu nem cito, pois a revista tem um copidesque safado, e nem sempre a culpa é de quem põe a assinatura no papel) mais uma vez recita o salminho liberal: “O que torna um produto (filme) competitivo é sua qualidade - e a média brasileira ainda é baixa, tanto que a fatia nacional do mercado exibidor é de apenas 2%. Quando o filme é bom, o público prestigia.” A mesma lenga-lenga do Mister M FHC, que ainda vai revelar como se afunda um país na merda (depois dos comerciais). Fatos, então: o que faz com que os americanos dominem nosso mercado cinematográfico não é qualidade ou o mercado livre. As distribuidoras vendem pacotes fechados para os exibidores, e um *Titanic* da vida não é entregue se não há o compromisso de passar cinco ou seis bombas que não darão tanto dinheiro. Mesmo que quisesse, o exibidor não poderia passar um filme brasileiro. Um toma-lá-dá-cá que não corresponde a, digamos, essa crença religiosa do pobre jornalista. Aliás, boa questão. Será mesmo crença, ou só colóquio flácido para acalantar bovinos? Em outros termos: é um canalha ou é uma besta? Você decide.